



# Análise Internacional

por Eloi Martins Senhoras

eloisenhoras@gmail.com



/ Análise Internacional

Ver todas as notícias desta seção

Publicado em 29 de agosto de 2013

## Desencontros diplomáticos do Itamaraty no governo Dilma

Por Eloi Senhoras

O Ministério das Relações Exteriores, também conhecido como Itamaraty, não tem sido funcional para projetar a diplomacia presidencial ou tampouco fortalecer a posição multilateral do Brasil como potência emergente durante o governo Dilma, tal como acontecera no governo Lula, com a liderança do chanceler Celso Amorim, em razão de uma postura mais comedida do chanceler Antônio Patriota, cujo estilo *low-profile*, acabou se refletindo na quebra da projeção do protagonismo brasileiro, e, em eventuais deslizos e em um crescente desconforto presidencial com a condução das estratégias da política externa.



A distância do estilo comedido do chanceler, Antonio Patriota, com uma maneira tradicional de se fazer diplomacia e de liderança do corpo diplomático, em contraposição, ao estilo centralizador e pragmático da presidente Dilma Roussef, que muitas vezes atropelava em declarações o próprio Itamaraty por considerá-lo com “excessiva autonomia” nos governos anteriores, acabaram repercutindo na formação de um hiato entre a Presidência da República e o Itamaraty e em um desgaste pessoal das partes ao longo de dois anos e meio, que se acelerou desde 2012 e culminou no “pedido” de demissão

de patriota em 2013.

No ano de 2012, a atuação do Itamaraty durante a crise no Paraguai que tinha ares de golpe branco, com o *impeachment* do presidente Fernando Lugo, colocou a cúpula da diplomacia brasileira sob questionamento, pois a ação de isolar o Paraguai por meio de interdição

temporária no Mercosul e na Unasul criou repercussões regionais e desgastes, tanto, para chanceler Antonio Patriota, quanto para o assessor internacional da Presidência, Marco Aurélio Garcia, que se desgastaram no governo Dilma, embora quem tenha caído tenha sido o embaixador aposentado Samuel Pinheiro Guimarães, que acabou renunciando cargo de alto representante do MERCOSUL.

Outro episódio, no mesmo ano, foi a visita da presidenta Dilma aos Estados Unidos que se encontrou com o presidente Barack Obama, porém, sem uma agenda de uma parceria estratégica, o que decepcionou a Presidência da República, pois se esperava as relações bilaterais com os EUA avançassem com Patriota na chancelaria, em função da sua experiência neste país, embora o que se registrou desde então foi um efeito inverso, com crescente esfriamento das relações diplomáticas e encolhimento do comércio exterior, embora o Brasil continue no Sistema Geral de Preferências.

No ano de 2013, novamente, a mediação inadequada do chanceler Antonio Patriota frente a um atraso na reunião dos presidentes do Brasil e da África do Sul, na 5ª Cúpula de Chefes de Estado dos BRICS, criou uma série de insatisfações da presidenta Dilma que repercutiu na recusa da indicação de Guilherme Patriota para a missão do Brasil junto à Organização Mundial do Comércio (OMC), em Genebra, feita pelo chanceler a seu irmão, que também é experiente diplomata, e, atua na assessoria diplomática da Presidência da República.

Frente à atuação burocrática, nem sempre contundente, e, com eventuais deslizamentos diplomáticos, o Itamaraty apresentou sinais de grande desprestígio na sua relação com a Presidência da República no ano de 2012, o que acabou se ampliando com desgastes, ainda maiores devido à repercussão de dois delicados contenciosos na Bolívia, cujas resoluções se mostraram inadequadas, tanto, no drama de doze torcedores do Corinthians presos em Oruro, e, do episódio do asilamento diplomático de senador boliviano na embaixada brasileira em La Paz.

Este episódio da saída do senador boliviano, Roger Pinto Molina, asilado na Embaixada brasileira de La Paz, com o auxílio da representação diplomática em veículo oficial que teve destino Corumbá, no Mato Grosso do Sul, provocou uma crise diplomática com a Bolívia, e, a saída de Antonio Patriota do cargo de ministro das Relações Exteriores, pois, a presidenta Dilma Rousseff já havia proibido a possibilidade de uma operação de fuga seis meses antes, a qual teria sido proposta informalmente por membros do governo boliviano, a fim de se evitar possível conflito diplomático, o qual de fato aconteceu em razão da repercussão pública dos atritos entre a presidência e o Itamaraty.



Embora a operação de transferência do senador boliviano da embaixada brasileira para o Brasil tenha notáveis semelhanças com a operação de deslocamento de diplomatas americanos para os Estados Unidos, durante a Revolução Iraniana em 1999, que inspirou o filme ganhador do Oscar 2013, *Argo*, no caso brasileiro, a falta de coordenação intra-governamental demonstrou que o bem sucedido deslocamento se tornou em um fracasso diplomático, em que supostos heróis se tornaram vilões, e, com futuras repercussões diplomáticas e judiciais necessárias para o desfecho do caso.

Os tensionamentos públicos entre a Presidência da República e o Itamaraty criam uma situação ímpar para a diplomacia brasileira, a qual é considerada uma das mais profissionalizadas no mundo, uma vez que existe um ambiente de rivalidades e dissonâncias que enfraquecem o serviço diplomático brasileiro em razão, tanto, do papel ativo e paralelo do assessor especial da

Presidência, Marco Aurélio Garcia, apelidado como “chanceler para a América do Sul”, devido sua influência grande desde o governo Lula na política externa para a região, quanto, do clima de tensão no Itamaraty devido a um episódio inédito de investigação de um diplomata brasileiro por quebra de ordens superiores e atuação unilateral.

Sob o prisma da Presidência da República, a ação de transferência do asilado diplomático, unilateralmente, decidida pelo embaixador interino na Bolívia, Eduardo Sabóia, sem autorização hierárquica superior, será avaliada em processo administrativo, com alta possibilidade de demissão, uma vez que a presidenta havia deixado uma clara determinação de não autorização para qualquer operação de deslocamento do político boliviano até a fronteira brasileira por via terrestre, uma vez que o longo trajeto de 1600 Km, tanto, o asilado diplomático, quanto o país, estariam sendo colocados em risco, já que o Estado brasileiro era o guardião da sua segurança.

Sob o prisma do Ministério de Relações Exteriores, o caso demonstra como decisões tomadas de baixo para cima podem repercutir negativamente do ponto de vista institucional quando não existe uma adequada coordenação interinstitucional e uma comunicação intra-ministerial e com a Presidência da República, motivo pelo qual determinado ruído, antes de ser resolvido internamente, acabou por ser ampliado, pela sua difusão na opinião pública, com perdas para todos os atores envolvidos, inclusive para a própria imagem da política externa brasileira.

Conclui-se que a demissão do ministro Patriota em 26 de Agosto de 2013 acontece em um contexto que vai muito além de uma suposta quebra de hierarquia do diplomata Eduardo Saboia, responsável pela operação de transferência para o Brasil do *asilado diplomático* na embaixada brasileira, o senador boliviano Roger Pinto Molina, haja vista que as dissonâncias existentes no corpo diplomático frente aos desgastes entre a presidência e o chancelar brasileiro estavam sendo crescentes, tornando-se o contencioso, apenas em um estopim de uma crise que acabou por precipitar na reforma ministerial programada para o fim do ano e em um dos piores momentos da diplomacia brasileira.

\* Elói Martins Senhoras é economista e cientista político, especialista, mestre, doutor e pós-doutorando em Ciências Jurídicas. É professor universitário em cursos de graduação e pós-graduação da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Email para contato: [eloisenhoras@gmail.com](mailto:eloisenhoras@gmail.com).

## Você também pode se interessar por:



**Papa desembarca em Roma  
e diz que alegria é maior do**